Dia 7 — Santo Tomás de Aquino, Confessor

Santo Tomás, grande ornamento do estado religioso, uma das mais brilhantes luminárias de todo o mundo e um dos maiores santos e dos mais esclarecidos doutores da Igreja, foi italiano: deveu sua origem a uma das mais nobres famílias de todo o reino de Nápoles. Landulfo, seu pai, era da ilustríssima casa dos condes de Aquino, entroncada com os reis da Sicília e de Aragão; e Teodora, sua mãe, foi filha do conde Quieti, descendente dos príncipes normandos, conquistadores em outro tempo dos reinos de Nápoles e da Sicília. Nasceu Tomás ao mundo no mês de março de 1225, achando-se sua mãe no castelo de Rocaseca, pouco distante da cidade de Aquino. Puseram-lhe o nome de Tomás, como o havia anunciado com antecipação um venerável ermitão, prognosticando ao mesmo tempo os importantes serviços que aquele menino havia de fazer à Igreja.

Não tardou em confirmar-se o vaticínio deste varão venerável com um singular sucesso. Notou um dia a ama que o criava que tinha um papelzinho na mão e, querendo tirar-lho, apertou-o tanto entre suas mãozinhas o menino, à sazão de um ano só, chorou e afligiu-se de tal modo que se viu obrigada a desistir do intento; mas a condessa, sua mãe, picando-a a curiosidade de saber o que continha o papel, arrancou-lho com violência e ficou extraordinariamente surpreendida quando viu que nele estava escrita a Ave-Maria. O pranto, os gritos e os sentimentos do menino foram tantos que, para acalmá-lo, foi preciso restituir-lhe o papelzinho; mas, apenas o viu de novo em suas mãos, aplicou-o apressadamente à boquinha com ambas, fazendo aceno ansioso de engoli-lo. Acharam-se presentes a este estranho sucesso muitas testemunhas, e todos prognosticaram que algum dia seria o menino Tomás tão grande santo como fidelíssimo servo de Maria.

Todas as suas inclinações iam direitas à piedade; e, para cultivá-las melhor, aos cinco anos enviaram-no seus pais para que se criasse entre a nobilíssima juventude que estava a cargo dos monges no Monte Cassino. Mal deixou que fazer à educação seu natural belo e feliz. Antecipava-se às instruções sua inclinação genial à virtude. Nada o divertia senão o estudo e a oração; o que moveu a aconselhar a seu pai o abade que, sem perder tempo, o enviasse à universidade.

Nela aprendeu com feliz sucesso as letras humanas e a filosofia; mas, embora fossem grandes seus progressos nas letras, foram sem comparação maiores na ciência dos santos. Conservou o candor da inocência em meio da corrupção do século; mas, temeroso do naufrágio, buscou porto e, conhecendo o perigo, buscou asilo. Achou-o seguro na celebérrima ordem dos pregadores que, embora ainda no berço, já não cabiam no mundo as maravilhas que operava e, renovando o antigo lustre do estado religioso, edificava então, como edifica hoje, a toda a Igreja, já com as virtudes heroicas de seus esclarecidos filhos, já com sua sabedoria profunda, já com os portentosos efeitos de seu apostólico zelo. Foi recebido Tomás no convento de Nápoles aos dezoito anos de sua idade; e nos primeiros dias de noviço não só era edificação, mas modelo para os perfeitos.

Pasmou o mundo, pouco acostumado então a semelhantes empregos, com o retiro de um jovem daquela qualidade e daquelas esperanças. Seus parentes ficaram atônitos; e, sabendo o noviço que sua mãe se encaminhava a Nápoles com resolução de tirá-lo da religião, rogou ao prior que o trasladasse a Roma. A ela o seguiu a aflitíssima senhora; e, não o encontrando já, porque os superiores o haviam enviado a Paris para aperfeiçoar ali seus estudos, nem por isso desmaiou nem desistiu do empenho.

Escreveu sem perder tempo a seus dois filhos mais velhos, Landulfo e Reinaldo, que serviam nas tropas do imperador Frederico e se achavam à sazão na Toscana, que não poupassem diligência alguma para apanhar seu irmão Tomás e o enviassem com boa escolta. Obedeceram-lhe, seguiram-no, alcançaram-no, prenderam-no e o remeteram à mãe bem seguro.

A condessa, que se viu com Tomás em seu poder e a sua disposição, empenhada mais que nunca em desviá-lo do estado religioso, valeu-se de quantos artifícios lhe sugeriram o amor e a indústria para arrancar-lhe a vocação e para obrigá-lo a deixar o hábito que vestia: rogos, razões, lágrimas, lisonjas, ameaças, tudo o empregou aquela senhora; mas tudo sem proveito. Tão imóvel Tomás em sua vocação como atento às leis da modéstia e do respeito, respondeu-lhe com filial veneração, mas com generosa constância, que, sendo Deus seu primeiro e soberano dono, era antes a rendição a sua voz que a complacência às sugestões da carne e do sangue; e que, pois este Senhor o chamava à religião, suplicava a seus parentes que não se cansassem inutilmente em pôr estorvos ao destino aonde o céu o chamava. Vendo a mãe desairados seus esforços e que nada adiantava, encomendou a empresa a uma filha sua, dama de singularíssimo respeito, fiando a sua discrição, a suas razões, a sua arte e a suas lágrimas o triunfo da resistência de Tomás; mas, como este adquiria cada dia novas forças recorrendo à oração, defendeu-se do novo violento ataque com tão feliz sucesso que não só não se entibiou no fervoroso empenho de manter-se no estado que tinha, mas soube persuadir sua irmã a que imitasse seu exemplo, abraçando o mesmo estado, como o executou no convento de Santa Maria de Cápua, onde foi abadessa, terminando nele santamente sua exemplar vida.

Não foi tão feliz nos efeitos, mas foi mais meritória na fadiga e mais gloriosa para o santo a vitória que conseguiu de seus irmãos. Restituídos do exército a sua casa Landulfo e Reinaldo, aconselharam-se só com o orgulho e com o espírito de soldados e quiseram levar o negócio com força declarada. Encerraram mais estreitamente Tomás na torre do castelo, arrancaram-lhe o santo hábito com violência militar, fazendo-o em mil pedaços, e empenharam-se em cansar sua perseverança ao rigor de desumanos tratamentos. Acharam-no inflexível; e, escutando unicamente as vozes da paixão, desatendendo aos gritos de sua religião e de seu sangue, intentaram render docemente pela sensualidade e pelo deleite o que não haviam podido vencer por rigor nem por violência. Discorreram (e não discorreram mal) que logo perderia a vocação se perdesse a graça; e com esta diabólica ideia introduziram no quarto da torre uma jovem cortesã, a mais desavergonhada que naquele tempo houvesse.

O ataque foi violento, e Tomás conheceu toda a força do perigo. Levantou o coração a Deus, implorou o auxílio de Maria e, vendo fechadas as portas a outro arbítrio, apanhou intrepidamente um tição que encontrou na chaminé e com ele pôs em precipitada fuga aquela infeliz mulher. Ainda durava o sobressalto em que o pôs só a apreensão do risco e, sem deixar o tição da mão,

formou com ele uma cruz na parede: prostrou-se ante aquele Senhor a cujos poderosos auxílios atribuía toda a honra da vitória e no mesmo instante lhe dedicou, com voto, sua perpétua castidade.

Não tardou o Senhor em recompensar a generosa fidelidade de seu puríssimo servo; porque, tendo adormecido, sentiu que dois anjos lhe apertavam os rins com um cíngulo em sinal do dom de pureza que se lhe comunicava, e desde aquele ponto, como o atestou o santo poucos dias antes de sua ditosa morte, jamais voltou a sentir os molestos estímulos da carne.

Souberam os frades da ordem quanto havia passado; e, não menos encantados com sua heroica constância que compadecidos do que padecia, tiveram modo para vê-lo, para consolá-lo e para levar-lhe um hábito. A mesma mãe, que se lembrou então do que se lhe havia prognosticado acerca daquele filho, não quis fazer mais resistência aos intentos de Deus; e, dissimulando a notícia que já tinha das medidas que se tomavam para libertá-lo, permitiu que o descessem por uma janela da torre.

Restituído Tomás à sua liberdade depois de uma prisão de quase dois anos, passou ao convento de Nápoles, onde foi recebido daqueles padres com o gozo e com o aplauso que merecia sua virtude e sua perseverança. Ali fez a profissão; mas, temerosos os superiores de que segunda vez lhes roubassem aquele tesouro, enviaram-no prontamente a Roma, de onde o geral da ordem, frei João Alemão, o levou a Paris e desde ali o destinou a Colônia, onde à sazão se achava ensinando teologia Alberto Magno, o mais acreditado doutor que naquele tempo tinha a sagrada ordem dos pregadores.

Sob a disciplina de tão insigne mestre fez Tomás assombrosos progressos na mais sagrada de todas as faculdades; mas tão bem dissimulados entre o véu da modéstia e de um profundo silêncio que seus condiscípulos o chamavam o boi mudo: mas não lhe valeu o cuidado com que procurava confirmar a opinião menos vantajosa que se tinha de seus talentos, porque se traslucia seu engenho apesar de sua humildade; e aquele imaginado boi mudo, dentro de pouco tempo foi o oráculo do mundo e o anjo das escolas.

Em vão resistiu a tomar o grau de doutor na célebre universidade de Paris, porque se viu obrigado a render-se à obediência. Mal recebeu o capelo, mandaram-lhe explicar o Mestre das Sentenças; o que fez com tanto aplauso que em pouco tempo igualou seu crédito ao de seu mestre Alberto Magno e excedeu ao de todos os demais mestres. A grande vivacidade de seu engenho em desenredar o mais intrincado das ciências; aquela facilidade em aclarar as dificuldades mais obscuras; aquela felicidade em resolvê-las; a penetração, a erudição e o método que se admira em todas as suas obras acreditam o que o papa João XXII afirma na bula de sua canonização: que sua doutrina teve mais de infusa que de adquirida. Sempre dava princípio ao estudo pela oração, confessando ele mesmo que, nas dúvidas que se lhe ofereciam, seu principal oráculo era o crucifixo. Ensinou em Bolonha, em Fondi, em Pisa, em Orvieto com a mesma reputação que em Paris; e em todas as partes deixou tanta memória de sua heroica santidade como de sua milagrosa sabedoria.

Tendo-se desenfreado contra as ordens religiosas certos engenhos malignos e tendo-se declarado contra a sé apostólica alguns hereges daquele tempo, fez emudecer a uns e confundiu com seus

escritos o orgulho dos outros com tanta viveza e com tão vitoriosa eficácia que desde então o olharam e o temeram como seu maior açoite, tanto os dissolutos como os inimigos da Igreja.

À elevada e vasta extensão de sabedoria que todos admiravam em Tomás correspondeu sempre a eminência de sua heroica virtude. Não era fácil encontrar homem de mérito mais real, mais verdadeiro, nem mais universalmente reconhecido; mas ao mesmo tempo tampouco era possível achar outro mais humilde. Quando estava ensinando em Bolonha, chegou ao convento um frade que não o conhecia e, tendo que comprar não sei que coisas, pediu-lhe que o fosse acompanhando à praça. Achava-se à sazão o santo com um pé muito dolorido, e estava próxima a hora de entrar em aula; mas, sem alegar uma nem outra desculpa, embora tão legítimas, no ponto foi acompanhando aquele bom religioso; o qual, logo que caiu em sua inadvertência, conhecendo o que o acompanhava, começou a desculpar sua inconsideração; mas o santo achou-se mais embaraçado ouvindo as desculpas daquele bom frade que no exercício do ato de humildade que acabava de fazer, impelido de sua singular modéstia. Resistiu invencivelmente às primeiras dignidades eclesiásticas com que o brindavam, e não foram bastantes para rendê-lo as eficacíssimas instâncias do papa para que aceitasse o arcebispado de Nápoles. A exterior mortificação de corpo e a interior sujeição das inclinações da alma não podiam ser maiores. Parecia homem sem paixões, segundo as tinha rendidas à razão. A doce suavidade do gênio, o tom da voz e a serenidade do semblante conservaram-se sempre inalteráveis; e à força de macerar a carne quase havia perdido o uso dos sentidos.

Embora o céu por especial privilégio lhe houvesse comunicado o precioso dom da castidade, não poupava meio algum dos que conduzem a conservar esta delicada virtude. Jamais olhou o rosto a mulher alguma, e toda a vida evitou escrupulosamente quantas conversações pôde escusar com este perigoso sexo.

Mas a devoção mais sobressalente, ou, por dizê-lo de outra maneira, a devoção preferida de Tomás foi a que professou ao santíssimo Sacramento. Sempre que se chegava ao altar e se separava dele, deixava-o banhado em lágrimas. Brotavam pelo semblante os interiores incêndios de seu amor. Por ordem do papa Urbano IV compôs o ofício do Sacramento com aquela terna efusão de coração que respira cada palavra; e não contribuiu pouco para que se mandasse celebrar sua festa com tanta solenidade na Igreja universal, voltando a acender nos corações cristãos o quase apagado fogo do amor a Jesus sacramentado.

Desde o berço foi como o caráter de Tomás a ternura e a confiança com a santíssima Virgem, merecendo-lhe o glorioso antonomástico ditado de Favorecido de Maria. Apareceu-lhe muitas vezes esta soberana Rainha, e poucos dias antes de morrer assegurou que nada havia pedido ao Filho por intercessão da Mãe que não tivesse conseguido.

Seria interminável a relação individual das virtudes e das maravilhas deste agigantado espírito. Foi sua vida uma perpétua cadeia de portentos; e foi um muito visível, e que encerra outros muitos, como o notaram os mesmos sumos pontífices, o de que um só homem, em menos de vinte anos, pudesse ensinar com inaudito aplauso em quase todas as universidades mais célebres da Europa; combater e desbaratar com seus escritos os maiores inimigos da Igreja; converter com seus sermões grande número de pecadores e de infiéis; compor aquela prodigiosa multidão de

sapientíssimas obras que se podem chamar o tesouro da religião; explicar com tanta precisão e com tanta solidez os mistérios mais obscuros da teologia; ensinar com tanta limpeza e com tanta unção as verdades da moral; expor com tanta clareza em seus sábios comentários os livros da sagrada escritura; satisfazer tão plenamente a quantas dúvidas lhe consultavam de todas as partes, como a universal oráculo; e, em meio de tudo isto, dar muitas horas à oração todos os dias; não se dispensar quase nunca nas funções ordinárias da comunidade; macerar sua carne com rigorosíssimas penitências, apesar de ter uma saúde debilíssima: esta foi a vida de Santo Tomás de Aquino.

Mas não há que admirar, diz Santo Antonino, falando de nosso santo, que um homem que jamais perdia a Deus de vista e tinha frequente conversação com as celestiais inteligências; que um homem a quem tantas vezes se viu arrebatado em êxtases maravilhosos, durando alguns por espaço de três dias inteiros; um homem a quem os apóstolos São Pedro e São Paulo ditavam com frequência a exposição de suas epístolas; não há que admirar, digo, que um homem semelhante possuísse ciência tão profunda e operasse tantas maravilhas em obséquio e em defesa da religião.

Isto foi o que armou a indignação de todos os hereges contra nosso santo. Como a este doutor admirável se deve aquele método regular que reina nas escolas, a cujo favor se desembaraçam de toda confusão as opiniões, tira-se a máscara ao erro, sai a verdade à luz do meio-dia e se explicam os dogmas da fé com puríssima limpeza segundo a verdadeira inteligência da Igreja e dos padres, não tem conhecido a heresia maior inimigo que Tomás; porque nenhum heresiarca pôde defender-se contra a solidez e, se é lícito falar assim, contra a infalibilidade de sua doutrina.

Esta doutrina verdadeiramente angélica, em cujos elogios se têm empregado tão dignamente as soberanas penas de tantos oráculos do Vaticano, é a que o grande São Pio V reconhece por uma das regras mais certas e claras da fé, tendo-se valido muitos sagrados concílios das mesmas palavras de Tomás para a disposição de seus sagrados cânones. Que heresia, diz o mesmo papa, que heresia não se viu desarmada pela doutrina deste santo doutor? E que erro pode jamais suscitar-se na Igreja cujo contraveneno não se encontre em sua portentosa *Suma*? Cada artigo desta obra, diz o papa João XXII, é um milagre. O que segue a doutrina de Tomás, diz Inocêncio V, mal poderá errar; o que se desvia dela a grande perigo se expõe de precipitar-se.

Mas o maior elogio deste grande doutor e de sua doutrina é o que lhe sucedeu achando-se em Nápoles, ao tempo em que trabalhava a terceira parte de sua *Suma*. Achava-se em oração na capela de São Nicolau diante de um crucifixo quando, arrebatado em doce êxtase, ouviu uma voz clara e distinta que saía do mesmo crucifixo e lhe dizia estas palavras: Tomás, bem escreveste de mim; com que queres que te premie? Ao que o santo respondeu: Senhor, com nenhuma outra coisa senão convosco mesmo; favor que se diz que lhe repetiu o céu outras duas vezes: uma em Orvieto, quando compunha o ofício do santíssimo Sacramento, e outra em Paris, quando explicava o que nos ensina a fé acerca deste mistério.

Achava-se em Nápoles nosso santo dando fim a suas últimas obras quando recebeu ordem do papa Gregório X para que passasse ao concílio geral que acabava de convocar na cidade de Lião; e, não obstante estar mal convalescido de uma espécie de apoplexia, cuja violência o havia privado do sentido por espaço de três dias, no ponto se pôs a caminho; mas apenas chegou ao mosteiro de

Fossanova, da esclarecida ordem de Cister, assaltou-o de novo o maligno acidente. Experimentou algum alívio em força dos remédios que se lhe aplicaram e do caritativo desvelo com que acudiram os monges a conservar aquela preciosa vida; e, aproveitando-se deste parêntese, suplicaram-lhe que compusesse uma exposição do livro dos Cantares. Condescendeu o dócil Tomás, começou a trabalhá-la, mas não pôde concluí-la, porque o porfiado acidente voltou a assaltá-lo com maior e mais perigoso insulto.

Conhecendo já que se ia aproximando o ditoso fim de sua gloriosa carreira, confessou-se e recebeu o santo viático, fazendo a profissão da fé à vista da hóstia consagrada com lágrimas tão copiosas e tão ternas que as tirou também em muita abundância dos olhos de todos os assistentes; e, tendo recebido a extrema-unção com devoção extraordinária, rendeu tranquilamente seu espírito nas mãos de seu Criador e passou a receber no céu o prêmio que o Senhor lhe tinha preparado. Foi sua ditosa morte quarta-feira, sete de março do ano 1274, tendo só cinquenta anos de idade; mas tão cheios de glória como repletos de merecimentos.

Assim pelos muitos milagres que operou em vida, como pelos que se continuaram em seu sepulcro depois de sua felicíssima morte, mas muito mais pelo maior de todos os milagres, que foi sua assombrosa vida, canonizou-o o papa João XXII, no ano de 1323, aos quarenta e nove anos depois de morto; e no de 1567 mandou São Pio V que em todo o mundo católico se rezasse o ofício de Santo Tomás como de doutor da Igreja.

Foram muitas as trasladações que se fizeram do santo corpo, e em todas elas se achou inteiro e incorrupto. Houve grandes e ruidosos pleitos entre os padres dominicanos e os monges de Fossanova sobre a posse destas inestimáveis relíquias, até que o papa Urbano V os terminou em favor dos primeiros; e em virtude da sentença pontifícia foi trasladado o corpo de Santo Tomás ao convento de Tolosa, no ano de 1369. A corte de Paris está enriquecida com um osso do braço direito, a de Nápoles com outro, e esta segunda cidade venera e honra a Tomás como a um de seus patronos.

Martirológio Romano

No mosteiro de Fossanova, junto a Terracina, Santo Tomás de Aquino, confessor e doutor, da ordem dos pregadores, ilustre em nascimento, em santidade e no particular conhecimento da teologia.

Em Tuburbo, cidade da Berberia, o trânsito das santas mártires Perpétua e Felicidade. Esta, estando grávida, segundo diz Santo Agostinho, e tendo-a o juiz esperado que parisse para executar contra ela a justiça, conforme as leis, no parto manifestou dor, mas, tendo-a lançado às feras, deu sinais de alegria: com elas foram martirizados os santos Revocato, Saturnino e Secúndulo; o último dos quais morreu no cárcere; os outros foram lançados às feras, no tempo do imperador Severo.

Em Cesareia da Palestina, o martírio de Santo Êubulo, companheiro de Santo Adriano, o qual dois dias depois foi despedaçado pelos leões e feito em talhadas com um cutelo; este é o último que

padeceu martírio naquela cidade.

Em Nicomédia, São Teófilo, bispo, o qual, por venerar as imagens dos santos, foi desterrado e morreu no desterro.

Em Pelúsio, no Egito, São Paulo, bispo, que também morreu desterrado pela mesma causa.

Em Bréscia, São Gaudioso, bispo e confessor.

Na Tebaida, São Paulo, chamado o Simples.

Missa (oração)

A missa do dia é em honra deste grande santo, e a oração da missa é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui Ecclesiam tuam beati Thomæ confessoris tui mira eruditione clarificas, et sancta operatione fœcundas: da nobis, quæsumus, et quæ docuit intellectu conspicere, et quæ egit imitatione complere. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que com a admirável sabedoria de vosso bem-aventurado servo Tomás iluminais vossa Igreja e com suas santas virtudes a fecundais, humildemente vos pedimos que nos deis graça para que com o entendimento aprendamos o que ensinou e com a imitação executemos o que praticou. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 7 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 7,7-14

> **Latim:** [7] Propter hoc optavi, et datus est mihi sensus ; et invocavi, et venit in me spiritus sapientiæ : [8] et præposui illam regnis et sedibus, et divitias nihil esse duxi in comparatione illius. [9] Nec comparavi illi lapidem pretiosum, quoniam omne aurum in comparatione illius arena est exigua, et tamquam lutum æstimabitur argentum in conspectu illius. [10] Super salutem et speciem dilexi illam, et proposui pro luce habere illam, quoniam inextinguibile est lumen

> illius. [11] Venerunt autem mihi omnia bona pariter cum illa, et innumerabilis honestas per manus illius ; [12] et lætatus sum in omnibus, quoniam antecedebat me ista sapientia, et ignorabam quoniam horum omnium mater est. [13] Quam sine fictione didici, et sine invidia communico, et honestatem illius non abscondo. [14] Infinitus enim thesaurus est hominibus ; quo qui usi sunt, participes facti sunt amicitiæ Dei, propter disciplinæ dona commendati.

Português: [7] Por amor disto desejei eu a inteligência, e ela me foi dada: Invoquei o Senhor, e veio a mim o espírito da sabedoria: [8] E a preferi aos reinos e aos tronos, e julguei que as riquezas nada valiam em sua comparação: [9] Nem pus em paralelo com ela as pedras preciosas: porque todo o ouro em sua comparação é uma pouca de areia, e a prata será reputada como lôdo à sua vista. [10] Eu a amei mais do que a saúde, e do que a formosura, e me resolvi a tê-la por luz: Porque a sua claridade é inextinguível. [11] E todos os bens me vieram juntamente com ela, e inumeráveis riquezas por suas mãos, [12] e me regozijei em todas as coisas: Porque ia diante de mim esta sabedoria, e eu ignorava que ela é mãe de todos êstes bens. [13] Eu a aprendi sem fingimento, e a reparto com os outros sem inveja, e não escondo as riquezas que ela encerra. [14] Porque ela é um tesouro infinito para os homens: Do qual os que usaram, têm sido feitos participantes da amizade de Deus, recomendáveis pelos dons da doutrina.

Nota

«Em todos os exemplares gregos intitula-se o livro de onde se tirou esta epístola a *Sabedoria de Salomão*, porque foi seu autor este sapientíssimo rei, dotado de tão superior inteligência. Santo Agostinho chama-o o livro da sabedoria cristã. O Espírito Santo deixa-se ver em cada uma de suas páginas, e as palavras desta epístola formam o verdadeiro caráter e o elogio de um santo doutor.»

Reflexões

Muitos quereriam ser sábios, muitos aspiram a sê-lo, porque com efeito a sabedoria honra, faz mercê a quem a possui; mas poucos se dedicam a aprender a verdadeira sabedoria, porque isso custa muito ao amor-próprio. Quer o homem ignorar-se a si mesmo, foge de si próprio, ocupado inteiramente em conhecer e em censurar os outros. Como dentro de si mesmo não encontra coisa que não o humilhe, volta a vista a outra parte; e daí nasce que há poucos que se corrijam, porque há poucos que se conheçam.

Ama-se a sabedoria; mas uma sabedoria política, uma sabedoria de temperamento mais que de virtude. A sabedoria do mundo é néscia, é insensata: *Sapientia hujus mundi, stultitia est*. Defeituosa nos princípios e errada no fim. Falando com propriedade, só é sabedoria de bem parecer; não tem mais objeto que o interesse e a vaidade. Sabedoria que Deus olha com horror e

até lhe causa asco.

Não há outra sabedoria verdadeira que a sabedoria cristã, cuja essência consiste em conhecer a Deus como a nosso último fim e em aplicar os meios mais seguros para chegar a ele; esta é nossa verdadeira e nossa única felicidade. O homem que não soube salvar-se nada soube. Há outra maior fortuna a que aspirar? É porventura sábio o que ignora sua verdadeira honra e seus verdadeiros interesses? Pois tais são esses mundanos que se chamam sábios e se condenam.

Tem razão Salomão em preferir aos reinos e aos tronos aquela sabedoria verdadeira, que só pode fazer o homem feliz: *Præposui illam regnis et sedibus*. Quantos infelizes há em meio das riquezas e dos tesouros! Quão poucos ditosos se encontram empunhando o cetro, vestindo o manto real! A sabedoria cristã é a única que sabe a arte de domesticar o gênio mais bravio, de render as paixões mais rebeldes, de aplainar as dificuldades, de serenar o céu e de fazer que reine no mar uma perpétua calma. Pois não deve preferir-se a tudo esta celestial sabedoria?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus.

Mateus 5,13-19

> **Latim:** 13 Vos estis sal terræ. Quod si sal evanuerit, in quo salietur ? ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus. 14 Vos estis lux mundi. Non potest civitas abscondi supra montem posita, 15 neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt. 16 Sic luceat lux vestra coram hominibus : ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est. 17 Nolite putare quoniam veni solvere legem aut prophetas : non veni solvere, sed adimplere. 18 Amen quippe dico vobis, donec transeat cælum et terra, jota unum aut unus apex non præteribit a lege, donec omnia fiant. 19 Qui ergo solverit unum de mandatis istis minimis, et docuerit sic homines, minimus vocabitur in regno cælorum : qui autem fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno cælorum.

Português: 13 Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra cousa se ha de salgar? para nenhuma cousa mais fica servindo, senão para se lançar fóra, e ser pisado dos homens. 14 Vós sois a luz do mundo. Não póde esconder-se huma cidade, que está situada sobre hum monte. 15 Nem os que accendem huma luzerna, a mettem debaixo do alqueire, mas põe-a sobre o candieiro, a fim de que ella dé luz a todos os que estão na casa. 16 Assim luza a vossa luz diante dos homens: que elles vejão as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos

ceos. [17] Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas: não vim a destruïlos, mas sim a dar-lhes cumpri mento. [18] Porque em verdade vos affirmo, que em quanto não passar o ceo e a terra, não passará da lei hum só i, ou hum til, sem que tudo seja cumprido. [19] Aquelle pois, que quebrar hum d'estes mínimos mandamentos, e que ensinar assim aos homens, será chamado mui pequeno no reino dos ceos: mas o que os guardar, e ensinar a guardallos, esse será reputado grande no reino dos ceos.

Meditação

Da perfeita observância da lei

Primeiro ponto

Considera que grande erro é dispensar-se numa parte da lei, com pretexto de que é matéria ligeira. Pode sofrer isenções nem desculpas frívolas em nossa rendição o sumo respeito que devemos ao Monarca soberano, à suprema autoridade e à infinita sabedoria do que manda?

Declara Jesus Cristo que veio ao mundo para cumprir a lei. Convém, diz ele mesmo a São João, que tudo observemos. Nem no mais mínimo preceito, nem na mais miúda cerimônia legal se dispensou durante sua vida. Festas, jejuns, orações, tudo lhe pareceu indispensável, tudo sagrado. E um cristão, um pecador persuade-se de que o haver nascido com alguma mais distinção que os demais, que um emprego honroso, que o vão título que tomou de um pedaço de terra que possui, que o andar de coche, que o gastar o juízo e o dinheiro num trem magnífico, num equipamento soberbo e ostentoso, basta para dispensá-lo nas obrigações penosas da lei. Parece-lhe que a observância exata de todos os preceitos, que a abstinência, que o jejum, que a mortificação dos sentidos, que a penitência falam só com o povo miúdo, com as pessoas religiosas, com as que fazem profissão de devotas. Todos estes preceitos alteram, amotinam a delicadeza dos homens do mundo. Já querem guardar alguns; mas figuram-se não sei que privilégios para dispensar-se nos outros. Isto é dizer, querem ser cristãos, mas pela metade.

Quer Deus, fala Deus e é obedecido; à insinuação de sua voz sai do nada todo o universo; somente a vontade do homem tem a insolência, tem a impiedade de opor-se aos preceitos, de resistir à vontade de Deus: que extravagância, que delito!

Oh, que a coisa é de pouca consequência! Tanto mais intolerável é tua falta de rendição; quanto a execução é mais fácil, tanto maior desprezo manifesta a desobediência. Não ignoras que Deus é o autor da lei, visto que por ela cumpres com as obrigações mais essenciais dela. Pois que ideia formas desse mesmo Deus quando tens atrevimento para antepor-lhe as inclinações de teu amor-próprio? Pouco caso se faz de um amo quando não se lhe obedece em tudo o que manda. A rendição a sua vontade é a medida fiel de nossa veneração e de nosso respeito. Se não merece Deus o que lhe negamos, nenhum direito tem ao que lhe concedemos; mas, se merece, se tem direito a pedir o que nos pede, que ingratidão, que injustiça, que desprezo é o negar-lho!

Deus meu, que lastimosa conduta é a que observamos convosco! Guardamos não mais que uma parte de vossa santa lei; mas quem nos dispensa na outra? Não é a mesma voz, não é o mesmo oráculo o que nos intima isto e aquilo? Confessemos, pois, que nessa obediência de gênio, de humor, de capricho e de eleição, o amor-próprio é o que manda, e ao amor-próprio é a quem se obedece. Que desconcerto, que desordem!

Segundo ponto

Considera que, quando só se observa uma parte da lei, a mesma submissão condena a desobediência. Tem muita parte nesses intervalos de fidelidade o amor de Deus? É um temor puramente servil o que governa os que obedecem a mais não poder, os que se dispensam na obediência logo que cessa o medo de um castigo rigoroso ou se desvanece o perigo da última desgraça.

A desordem dos fariseus consistia em ser muito escrupulosos na observância das minúcias e muito relaxados no cumprimento das obrigações essenciais. A nossa costuma ir por caminho contrário; tão precisamente adictos a observar os preceitos que julgamos poder impunemente menosprezar os conselhos. Lastimosa cegueira, que não nos permite conhecer a necessária conexão que há entre os uns e os outros; sem advertir que o desprezar voluntária e habitualmente os conselhos é expor-nos a quebrantar logo em mil ocasiões os preceitos. As maiores quedas nascem de ordinário de muito pequenos princípios. Observe-se se não, e diga-se-me se se viram muitos tíbios e imperfeitos que se conservassem longo tempo numa mediania de imperfeição e de tibieza. Ao contrário, que santo houve cuja fidelidade à lei não tenha sido universalíssima, não se tenha estendido com escrupulosa exatidão às mais imperceptíveis minúcias? O criado que serve a um amo puramente por humor ou por capricho não o servirá muito tempo.

Ao que parece, há poucos mananciais mais copiosos nem mais fecundos de uma total desordem que esta pouca fidelidade às obrigações mais miúdas de nossa santa lei. Daqui nasceram quase todos os escândalos, quase todas as desordens que se viram no mundo. Que outro princípio teve essa lastimosa relaxação, essa decadência de tantas observantíssimas religiões, esses furiosos atentados da impiedade e da heresia? Examine-se bem sua fatal origem. O que se precipita começa por um passo; mas, a poucos que dê, quem o poderá deter?

Aqueles abusos que a poucos dias presumem de costume começam por uma leve inobservância da lei, que se tolerou mais por inadvertência que por malícia; e aquela total relaxação da disciplina nem teve nem tem outro princípio que a fatal tolerância dos abusos. É muito sagaz o inimigo comum de nossa salvação e sabe bem que a um coração, a uma alma que é cristã, não há de induzi-la desde logo e abertamente a uma rebelião declarada contra seu Deus. Não está longe uma grave enfermidade quando se sente inapetência às viandas comuns e mais ordinárias. Com razão exclama o Sábio: Maldito o que serve a Deus com negligência. Nunca se introduziu a desordem geral dos costumes por uma repentina sublevação dos cristãos. Principia-se dispensando-se impunemente em alguns preceitos, e logo se sacode o jugo da lei.

Ó Deus meu, e que verdades tão terríveis me ensina neste ponto minha funesta experiência! Fazei que minha dor corresponda a meus descuidos. A tibieza em guardar vossa santa lei me precipitou em desordens horríveis. Espero, mediante vossa divina graça, que minha fidelidade daqui em diante em observá-la escrupulosamente acabará com a matéria de meu arrependimento e me dará motivo para fundar melhor minha confiança em vossa infinita misericórdia.

Jaculatórias

> *Concupivit anima mea desiderare justificationes tuas in omni tempore.* Sl 118.

Minha alma deseja observar daqui em diante com o maior fervor até o mínimo de vossos preceitos.

> *In mandatis tuis exercebor, et considerabo vias tuas.* Sl 118.

Não, Senhor, não me contentarei com meditar incessantemente vossa santa lei, mas me esforçarei por guardá-la em toda a sua extensão.

Propósitos

1. Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos, diz o Salvador: *Si vis ad vitam ingredi, serva mandata*. Anda-se perguntando, anda-se consultando que meios se hão de aplicar para ser santo. *Serva mandata*: não te dispenses jamais nem num ápice da lei de Deus; guarda seus mandamentos com escrupulosa pontualidade; observa religiosamente as mais mínimas obrigações de teu estado; não escutes a voz dos sentidos, nem a inclinação das paixões, nem a imperiosa autoridade do mau exemplo. Quando Deus fala, tudo deve calar; quando ele manda, tudo deve obedecer. Examina aqui quem te dispensou tantas vezes nas mais sagradas obrigações da lei, no respeito devido ao santo templo, no que te prescrevem tuas regras e no indispensável preceito da penitência. Volta a ler o método de vida que ofereceste observar, os propósitos que fizeste, e considera se tens sido fiel em guardá-los. Nota os que tens quebrantado, e não passe este dia sem reformar-te. Lê hoje assim os mandamentos da lei de Deus como os da santa madre Igreja; muitos os aprendem quando meninos e depois os deixam esquecer quando já adultos. Toma uma meia hora, ou ao menos um quarto de hora, para ruminá-los, para considerá-los e para perguntar-te como tens cumprido com eles. Valha-me Deus! Quanto terás de que confundir-te somente no primeiro mandamento! Satisfaz aos preceitos da Igreja o que é pouco devoto? Não há condição, não há estado algum que não tenha suas obrigações particulares. Desempenhas cuidadosamente as do teu? Se te achas no estado religioso, tens regras que guardar; se no eclesiástico, tens

cânones que cumprir; se no mundo, quantas leis, quantos respeitos, quantas obrigações! Pois advirto que sobre todos estes pontos se te há de fazer causa, se há de formar teu processo. Terás documentos para justificar tuas isenções, tuas omissões, tuas frívolas dispensas? Atordoa-nos o amor-próprio com os gritos que dá clamando que há necessidade; mas diante de Deus poucas isenções hão de passar por legítimas. Olha que tudo isto te interessa muito e assim não te contentes somente com lê-lo; dia virá em que te encherás de desesperação se só te contentas com tê-lo lido.

2. Põe os olhos em São Francisco Xavier, que, abrasando com a imensidade de seu zelo quase todo o Oriente, oprimido com o cuidado de toda aquela igreja recém-nascida, consumido de trabalhos, em contínua ação dia e noite, nunca se dispensou na mais miúda observância, na mais pequena obrigação de seu estado, tocando sua exatidão o limite da delicadeza. Pede a Deus por sua intercessão que te conceda a perseverança fiel no cumprimento de todas as tuas obrigações, o aumento de fervor e uma delicada exatidão nas coisas mais miúdas. Não só consiste a verdadeira devoção nesta fidelidade, mas pende dela nossa salvação.

Oração para o quarto dia da novena.

«Glorioso São Francisco Xavier, não menos admirável pela suma pontualidade em cumprir com os mais miúdos ápices da lei de Deus que por aquele prodigioso número de maravilhas que operastes, suplico-vos que me alcanceis o mesmo zelo e a mesma fidelidade em cumprir com todas as obrigações de meu estado e ao mesmo tempo a graça particular que vos peço nesta novena, se há de ser para maior glória de Deus e bem de minha alma. Amém.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:44 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:44 by Admin